

Tendências de personalidade psicopática e comportamento antissocial em jovens delinquentes do sexo feminino e masculino

Fernando Barbosa¹ e Ana Rita Reis²

Psychopathic personality trends and antisocial behaviour in female and male juvenile offenders

Abstract

This study examined differences in personality features and antisocial behaviour of institutionalized female and male juvenile offenders.

Sixty juvenile delinquents (30 female) were evaluated in order to obtain antisocial personality traits, measures of delinquent disposition, as well as measures of frequency and diversity of delinquent behaviour.

Contrary to what was expected and reported in the literature, the results showed no gender differences in terms of psychopathic features, nor disposition to delinquent behaviour, but a gender effect was found in relation to the frequency and diversity of antisocial behaviours, with a male dominance in both cases.

We advance with possible explanations for the obtained results within the context of the limitations of the study, and identify cues that may contribute to further researches on gender differences in juvenile delinquency, still scarce in Portugal.

Keywords: juvenile delinquency; gender differences; psychopathy; antisocial behaviour

1 Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto. Email: fbarbosa@fpce.up.pt

2 Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Email: rita7reis@gmail.com

Resumo

Este estudo visou examinar diferenças em características de personalidade e de comportamento antissocial entre jovens delinquentes institucionalizados do sexo feminino e masculino. Sessenta jovens institucionalizados em razão de condutas delinquentes (30 do sexo feminino) foram avaliados com vista à obtenção de medidas de personalidade antissocial, assim como de disposição para o comportamento delinquente e, ainda, de frequência e diversidade de comportamentos delitivos.

Contrariamente ao esperado e ao reportado na literatura, os resultados obtidos não evidenciaram diferenças entre os jovens do sexo feminino e masculino quanto às medidas de personalidade antissocial, nem de disposição para a delinquência, mas foram encontradas diferenças quanto à frequência e à diversidade dos atos delinquentes reportados, que surgem com maior predomínio no sexo masculino em ambos os casos.

Apresentam-se possíveis explicações para os resultados obtidos no quadro das limitações do estudo e apontam-se pistas que poderão contribuir para o prosseguimento das investigações, ainda escassas em Portugal, sobre as diferenças entre sexos na delinquência juvenil.

Palavras-chave: delinquência juvenil; diferenças entre sexos; psicopatia; comportamentos antissociais

INTRODUÇÃO

A delinquência juvenil, i.e. a prática de comportamentos delitivos ou antissociais por menores de idade, tem beneficiado de abundante investigação no plano internacional, condição necessária para a sua compreensão e para o desenho de formas de intervenção mais eficazes. Este fenómeno pode classificar-se como um problema social preocupante e, embora se note uma tendência para a diminuição da população delinquente institucionalizada nos países da União Europeia (*Statistical Office of the European Communities*, 2015), a frequência e gravidade da delinquência juvenil são insuficientemente estudadas na Europa. Em Portugal, as forças de segurança registaram 2393 casos de delinquência juvenil em 2014 (Ministério da Administração Interna, 2015) o que representa um aumento de 23% relativamente ao ano anterior. Nesse mesmo ano cifraram-se em 3003 as medidas tutelares educativas aplicadas, decorrentes de um total de 3296 delitos, com destaque para os crimes contra pessoas (46%), logo seguidos dos crimes patrimoniais (44%). As medidas em execução abrangeram um total de 2488 jovens, dos quais 14% do sexo feminino (Ministério da Administração Interna, 2015).

A prevalência notoriamente inferior da delinquência juvenil nas raparigas concorre para que a literatura especializada nesta problemática se debruce predominantemente sobre os jovens do sexo masculino e o feminino permaneça subestudado até aos dias de hoje, apesar de autores como Holsinger (1999) e Sondheimer (2001) há muito terem notado que o grau e tipo de atos delitivos entre rapazes e raparigas vêm a aproximar-se. Com efeito, a discrepância entre sexos parece estar a diminuir em diversos países (Lenssen, Doreleijers, Dijk, & Hartman, 2000) e parte da disparidade remanescente quanto à frequência e gravidade dos atos delitivos pode basear-se simplesmente em diferenças nas formas como rapazes e raparigas expressam a agressividade. Na realidade, há evidências robustas de que a incidência e a prevalência da delinquência juvenil masculina ultrapassam em muito as da feminina, mas ainda não se sabe o suficiente sobre diferenças mais específicas entre os jovens de cada um dos sexos, nem sobre as características das raparigas delinquentes ou dos atos delitivos que realizam (Tracy, Kempf-Leonard, & Abramoske-James, 2009).

O estudo longitudinal de Dunedin (Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2001), em que se acompanharam cerca de mil jovens desde o nascimento até à idade adulta (21 anos), metade de cada sexo, providenciou um importante contributo para a compreensão das diferenças entre sexos na delinquência. O estudo em causa evidenciou que o comportamento antissocial masculino é habitualmente mais grave e, por isso, mais sancionado, do que o feminino. Com exceção em torno dos 15 anos de idade, em que as condutas antissociais das raparigas se assemelham às dos rapazes, os últimos mostram-se consistentemente mais antissociais, com maior tendência para se exporem a riscos interpessoais e individuais. As raparigas em período peripubertário apresentavam mais distúrbios de conduta do que em outras faixas etárias, o que contribuiu para a aproximação entre sexos nesse período, designadamente no que respeita a delitos associados ao consumo de álcool e drogas, mas os rapazes continuaram a dominar relativamente a delitos envolvendo agressão física e violência. Notou-se, ainda, que o comportamento antissocial persistente é muito mais raro no sexo feminino (cerca de 1% dos casos), dado este reforçado por estudos posteriores (e.g., Eme, 2007) que mostram um padrão geral de delinquência limitada à adolescência nas mulheres (Moffitt et al., 2001).

No que se refere a Portugal, são muito poucos os estudos empíricos que permitem examinar diferenças entre sexos na delinquência juvenil. Um deles, conduzido por Carvalho (2005), mostrou diferenças acentuadas entre jovens do sexo feminino e masculino em relação à idade, natureza dos atos delitivos, formas de atuação, tipo de bens furtados e, ainda, quanto ao consumo de drogas. As jovens retratadas neste estudo estavam mais representadas nos ilícitos contra as pessoas,

tendo sido sinalizadas em idades mais avançadas do que os rapazes. Mostraram, também, uma maior tendência para atentar individualmente contra a integridade pessoal do que contra bens patrimoniais, mais característica do vandalismo masculino. Destacaram-se ainda nos consumos de drogas, enquanto nos jovens do sexo masculino se salientou o seu tráfico. Mais recentemente, no âmbito do estudo multinacional designado YouPrev, foram inquiridos 1577 jovens estudantes portugueses quanto a comportamentos delinquentes (Perista, Cardoso, Silva, & Carrilho, 2012). Os dados evidenciaram diferenças entre sexos no que diz respeito à delinquência autorrevelada. Nos rapazes observou-se uma maior diversidade de delitos, com um predomínio de atos de vandalismo, desacatos e roubos/furtos a pessoas, enquanto nas jovens os delitos mais comuns concentraram-se nos roubos em lojas, extorsão e vandalismo, sendo que nos dois primeiros casos sobrepõem-se mesmo aos rapazes (Perista et al., 2012). Estes dados contrastam com os de Agra e Castro (2010) que inquiriram 2895 jovens e encontraram diferenças significativas, em prejuízo do sexo masculino, na prevalência autorrevelada de todos os tipos de atos delinquentes considerados (crimes contra a propriedade, contra a integridade física, de tráfico de droga e condução sem habilitação). Por método de inquérito *online*, Braga e Gonçalves (2013) confirmaram que a prevalência de jovens que revelam ter praticado atos delinquentes é genericamente maior no sexo masculino, mas as jovens equiparam-se-lhes no que respeita à frequência autorrevelada de certos tipos de delitos, incluindo de forma surpreendente as ameaças e agressões físicas ou o dano patrimonial propositado.

Além dos estudos já referidos, focados no tipo de comportamentos delinquentes, Pechorro, Poiares, Marôco e Vieira (2012a) e, em data mais recente, Bouças (2014) conduziram os únicos estudos empíricos de que temos conhecimento em que se procuraram examinar diferenças entre jovens do sexo feminino e masculino em traços de personalidade e outras variáveis intraindividuais. Pechorro e colegas (2012a) compararam jovens institucionalizados em centros educativos quanto a traços de personalidade psicopática, perturbações do comportamento, assim como gravidade e frequência de comportamentos delinquentes, reportando uma atividade delitiva mais grave e frequente nos adolescentes do sexo masculino, assim como traços de frieza emocional mais vinculados nestes adolescentes, mas não foram encontradas diferenças para com o sexo feminino na dimensão impulsividade/problemas de comportamento do *Antisocial Process Screeing Device*.

No estudo de Bouças (2014), envolvendo jovens sob aplicação de medidas tutelares educativas, não se encontraram diferenças significativas em medidas de impulsividade e procura de sensações, com os jovens delinquentes de ambos os sexos a apresentarem níveis similarmente elevados em ambas as variáveis, mas as jovens pontuaram mais alto em medidas de empatia do que os rapazes.

Em suma, apesar de a literatura sugerir que a delinquência juvenil resulta de uma miríade complexa de variáveis extra e intraindividuais que podem produzir perfis delitivos diferentes para jovens do sexo masculino e feminino (Sondheimer, 2001), escasseiam os estudos portugueses de diferenças entre sexos na delinquência juvenil que considerem não só as variáveis comportamentais, mas também as que se referem a atributos psicológicos e traços de personalidade. Tendo isto em conta, decidiu-se focalizar este estudo nas diferenças entre jovens delinquentes do sexo feminino e masculino, mas além de se proceder à caracterização geral dos comportamentos delinquentes dos jovens de ambos os sexos, procurou-se examinar características de personalidade antissocial que podem estar associadas às putativas diferenças das condutas delitivas, ajudando a colmatar a insuficiência da investigação nacional neste domínio.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram voluntariamente neste estudo 60 jovens (30 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M = 15.2$; $DP = 1.32$), sob aplicação de medidas tutelares em cinco instituições da Região Norte do país que aceitaram colaborar no estudo, um Centro Educativo e quatro Lares de Crianças e Jovens.

Todos os participantes cumpriam critérios de Distúrbio de Conduta, designadamente um padrão de comportamento repetitivo e persistente de violação de direitos básicos de outras pessoas, normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade, manifestado pela presença de pelo menos três comportamentos antissociais no último ano (e um nos últimos seis meses) relativos à agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, falsidade ou furto, ou violações graves de regras (ver DSM-5, American Psychiatric Association, 2013).

Os participantes foram sinalizados pelos técnicos em exercício de funções nas instituições que acompanhavam as medidas tutelares e todos aceitaram colaborar no estudo. Além do distúrbio de conduta, não eram conhecidos em nenhum dos participantes défices sensoriais ou cognitivos, psicopatologias ou neuropatologias que pudessem interferir com os resultados do estudo.

As amostras de cada sexo encontravam-se estatisticamente emparelhadas quanto à idade, escolaridade vertical e idade da primeira institucionalização (Tabela 1).

Tabela 1

Médias (M), Desvios Padrão (DP), Mínimo (Min) e Máximo (Max) das Variáveis Idade, Escolaridade Vertical e Idade da Primeira Institucionalização em Função do Sexo

	Masculino			Feminino		
	<i>M ± DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>M ± DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Idade	15.5 ± 1.41	12	17	15.0 ± 1.20	14	17
Escolaridade	5.5 ± 1.22	2	8	5.7 ± 0.91	5	8
Idade primeira institucionalização	11.9 ± 3.87	1	16	12.2 ± 2.05	8	16

Instrumentos

Além de um questionário para recolha de dados individuais e sociodemográficos com vista à caracterização dos participantes, foram administradas três escalas de autorrelato.

Antisocial Process Screening Device (APSD). Este instrumento, desenvolvido por Frick e Hare (2001, tradução de Reis, 2008), foi adaptado da *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R, Hare, 1991) e permite medir características associadas a uma estrutura de personalidade antissocial de tipo psicopático em jovens. O APSD é constituído por 20 afirmações respondidas numa escala de três pontos (0 = falso; 1 = por vezes verdade; e 2 = definitivamente verdade), que possibilitam avaliar traços de impulsividade, frieza emocional e narcisismo. Foram conservados os itens da versão original e, um estudo de validação preliminar de Pechorro, Vieira e Vieira (2012b) revelou um fator relativo à frieza emocional e um outro que agrega itens referentes a dificuldades de controlo dos impulsos e problemas de comportamento, podendo dividir-se em Narcisismo e Impulsividade. O mesmo estudo pôs em evidência uma boa fidelidade (.80), uma validade concorrente traduzida numa correlação significativa moderada da pontuação total com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento (.33), bem como correlações significativas moderadas com a *Adapted Self-reported Delinquency Scale* (Carroll, Durkin, Houghton, & Hattie, 1996) e com a *Child and Adolescent Taxon Scale* (Harris, Rice, & Quinsey, 1994). A consistência interna, medida pelo alfa de Cronbach, cifrou-se em .75 no estudo de validação acima citado.

Escala de Disposição Delinquente (EDD). Esta é uma escala breve que avalia a disposição do adolescente para a adoção de comportamentos delinquentes (Mazerolle, 1998, versão portuguesa de Reis, 2008). É composta por 11 afirmações, respondidas numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (1 = concordo totalmente a 5 = discordo totalmente). Resultados elevados nesta escala indicam uma maior tendência para agir impulsivamente, exibir baixo autocontrolo e comportamentos antissociais como a mentira, o incumprimento de regras e o recurso à violência

em benefício próprio (Mazerolle, 1998; Paternoster & Mazerolle, 1994). No estudo de consistência interna da escala original obteve-se um alfa de .82 e, para a versão portuguesa, obteve-se uma correlação negativa moderada e significativa (-.36) com a diversidade de comportamentos delinquentes medidos pela Escala Geral de Delinquência, indiciando uma validade convergente satisfatória.

Escala Geral de Delinquência (EGD). Igualmente da autoria de Mazerolle (1998, versão portuguesa de Reis, 2008), a EGD possibilita estimar a ocorrência e frequência de 19 tipos de comportamentos delinquentes, operacionalizados de acordo com a *General Strain Theory* (Agnew, 1992) segundo a qual a tensão e stress poderão conduzir a diferentes tipos de respostas delinquentes, incluindo comportamentos de fuga, instrumentais e retaliatórios. Os participantes são instruídos a indicar quantas vezes, durante o ano anterior, praticaram cada tipo de comportamento delincente (e.g., usar a força ou armas para ficar com dinheiro ou objetos de outros colegas; vender drogas, etc.). Desta forma é possível obter não só uma medida de frequência absoluta (o número total de atos delinquentes reportados) como também uma medida de versatilidade ou diversidade delitiva (número de diferentes tipos de comportamentos delinquentes reportados). A título ilustrativo, no caso de um jovem que reporte cinco roubos de veículos e 10 episódios de agressões físicas a colegas, a medida de diversidade corresponde a dois (tipos de comportamentos delinquentes), enquanto a frequência absoluta ascende a 15 (número total de atos delinquentes).

Procedimentos

Obtidas as autorizações institucionais e o consentimento informado, a recolha de dados com o questionário para a caracterização sociodemográfica, o APSD e as escalas EDD e EGD foi efetuada em sessões coletivas, em salas das instituições de acolhimento, tendo uma duração aproximada de 60 minutos. As sessões foram conduzidas por uma única investigadora, com formação em psicologia e treino no protocolo de recolha de dados.

Além das estatísticas descritivas comuns, nomeadamente medidas de tendência central e de dispersão, recorreu-se a testes de diferenças de médias (testes *t* uniduais) para analisar o efeito do sexo (masculino, feminino) nas medidas de tendência psicopática (pontuação do APSD), disposição delincente (pontuação da EDD) e comportamento antissocial (pontuação da EGD). De sublinhar que nos casos em que não se verificaram os pressupostos de normalidade (teste de Shapiro-Wilk) e/ou homogeneidade de variâncias (Levene), procedeu-se ao teste de Mann-Whitney enquanto equivalente não paramétrico para análise de diferenças de médias entre

amostras independentes. No entanto, como o padrão de resultados se manteve idêntico em todos os casos, optou-se por reportar apenas os resultados dos testes t . Dado que se procederam a múltiplas comparações por domínio avaliado, os valores de p foram posteriormente corrigidos através do método FDR (*False Discovery Rate*).

RESULTADOS

Tendências psicopáticas

No que se refere aos resultados do APSD, não se encontraram diferenças entre os jovens do sexo feminino e masculino para a pontuação total, nem para a escala de narcisismo, nem para a frieza emocional (todos $t < 1$, $p > .169$). Observou-se um efeito quase significativo para a escala de impulsividade, $t(58) = 1.39$, $p = .085$, $d = 0.37$, cuja pontuação se mostrou maior nos participantes do sexo masculino (Tabela 2), mas tal efeito não sobrevive à correção para comparações múltiplas.

Tabela 2

Valores Médios e Desvios Padrão das Pontuações das Diferentes Subescalas da APSD e da Pontuação Total para os Jovens do Sexo Masculino (n = 30) e Feminino (n = 30).

	Resultados APSD			
	Impulsividade	Frieza emocional	Narcisismo	Total
Masculino	6.3 ± 2.65	7.4 ± 2.54	5.5 ± 2.75	19.2 ± 4.88
Feminino	5.4 ± 2.16	7.7 ± 2.08	4.9 ± 1.74	18.1 ± 3.87

Disposição delinquente, diversidade e frequência de atos delinquentes

A pontuação dos participantes do sexo masculino na Escala de Disposição Delinquente ($M = 2.65$, $DP = 0.342$) revelou-se praticamente igual à dos participantes do sexo feminino ($M = 2.71$, $DP = 0.307$), não se distinguindo estatisticamente ($t < 1$).

Por último, no que respeita aos dados da Escala Geral de Delinquência, analisou-se quer a medida de versatilidade ou diversidade delitiva (número de diferentes tipos de comportamentos delinquentes reportados), quer a frequência absoluta (número total de atos delinquentes reportados).

No que respeita à diversidade dos comportamentos delinquentes, encontrou-se uma diferença significativa entre os jovens de cada sexo, $t(58) = 3.60$, $p < .001$, d

= 0.94, com a pontuação dos rapazes a indiciar maior versatilidade delitiva ($M = 11.2$, $DP = 4.48$) do que a das raparigas ($M = 7.30$, $DP = 3.82$).

Também em termos absolutos se encontrou uma diferença entre sexos, com os jovens do sexo masculino ($M = 215$, $DP = 192$) a reportarem um número de comportamentos delinquentes significativamente superior, $t(58) = 4.67$, $p < .001$, $d = 1.21$, ao do grupo feminino ($M = 47.6$, $DP = 38.8$).

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Este estudo visou investigar diferenças entre jovens do sexo feminino e masculino quanto ao comportamento delincente e características de personalidade que se têm mostrado correlatas desse comportamento, designadamente as de tipo psicopático, contribuindo para colmatar a escassez deste tipo de estudos, especialmente no que concerne ao nosso país. Para tal, convidaram-se 30 jovens de cada sexo, todos em cumprimento de medidas tutelares, a responder a um conjunto de instrumentos que permitem avaliar características de personalidade antissocial associadas à psicopatia (*Antisocial Process Screening Device*), tendências disposicionais para condutas delinquentes (Escala de Disposição Delincente) e, ainda, frequência e diversidade de comportamentos delitivos (Escala Geral de Delinquência).

Como primeiro resultado, e contrariamente a achados de outros estudos nacionais (cf. Pechorro et al., 2012a), os jovens delinquentes do sexo masculino por nós investigados não difeririam dos do sexo feminino em medidas de estrutura de personalidade de tipo psicopático. Em termos de perfil tendencial, os resultados indiciam que os rapazes podem caracterizar-se por traços mais marcados de impulsividade, mas não diferem das raparigas em traços de narcisismo, nem de frieza emocional que, aliás, surge com uma pontuação média maior nas jovens.

A literatura geral é bastante consistente relativamente ao facto de os comportamentos antissociais, delinquentes ou agressivos terem frequentemente uma estrutura de personalidade psicopática como correlata (e.g., Edens, Guy, & Fernandez, 2003; Farrington, 2005; Loney, Frick, Clements, Ellis, & Kerlin, 2003; Nicholls & Petrila, 2005; Robinson, 2005; Seagrave & Grisso, 2002), mas a literatura sobre diferenças entre sexos na delinquência com que se possam contrastar estes achados não abunda. Ainda assim, a investigação existente é sugestiva de uma estrutura de personalidade com traços mais marcados de psicopatia no sexo masculino (e.g., Campbell, Porter, & Santor, 2004; Marsee, Silverthorn, & Frick, 2005; Penney & Moretti, 2007; Strand & Belfrage, 2005; Ugueto, 2005), embora noutros estudos (e.g., Vaughn, 2005) também não se tenham encontrado diferenças entre sexos nos

resultados do APSD. Uma explicação possível reside na eventualidade de serem necessárias características psicopáticas mais vincadas nas raparigas delinquentes para que estas manifestem efetivamente condutas antissociais, o que leva a que se aproximem dos jovens delinquentes do sexo masculino nas medidas desta estrutura de personalidade.

De sublinhar que as pontuações no APSD dos jovens por nós investigados quer do sexo masculino, quer do feminino, estão notoriamente acima dos de uma amostra de rapazes delinquentes estudada por Murrie e Cornell (2002) e que apresentou uma média de 13 pontos, sendo igualmente superiores às de um grupo forense investigado por Pechorro e colaboradores (2012b). Esta diferença parece indiciar tendências psicopáticas mais vincadas nas amostras que investigámos, mas a sua interpretação tem de ser efetuada no quadro da dimensão das amostras investigadas (mais reduzidas no presente estudo) e pode residir em fatores externos aos próprios jovens (e.g., sistemas jurídicos mais ou menos permissivos, que fazem com que o tipo de jovens em cumprimento de medidas tutelares possa divergir substancialmente de país para país).

Também ao contrário do que se antevia, não observámos diferenças entre sexos nas medidas de disposição delinquente. Com efeito, a literatura sugere a existência de pressões sociais para que rapazes e raparigas se comportem de forma diferente, em função de estereótipos de género, o que significa que nos primeiros é mais encorajado o tipo de comportamentos que podem configurar a base para uma conduta delinquente, ocorrendo o contrário no caso das raparigas (e.g., Bottcher, 2001). No entanto, é plausível que quando se investigam raparigas que já se caracterizam por uma conduta delinquente, a disposição para essa conduta esteja nelas presente e, eventualmente, até de uma forma mais vincada, uma vez que têm de ultrapassar estereótipos sobre papéis e comportamentos sociais que no caso delas estão mais distantes de condutas antissociais do que no caso deles.

Já no que respeita à versatilidade e frequência de comportamentos delinquentes, os nossos resultados são consistentes com a literatura prévia, evidenciando uma notória diferença entre sexos. Os participantes do sexo masculino reportaram uma diversidade significativamente maior de atos delinquentes e o número desses atos é quase cinco vezes superior ao do sexo feminino. Por conseguinte, ainda que os rapazes investigados não se tenham distinguido das raparigas em termos de traços de personalidade antissocial, nem de disposição delinquente, são bem patentes as discrepâncias quanto a características criminológicas, como a frequência e versatilidade de comportamentos delitivos, na linha dos achados reportados na literatura (e.g., Bottcher, 2001; Holsinger, 1999; Moffitt et al., 2001). De notar que certos investigadores (Muñoz & Frick, 2007) avançam com a hipótese de a elevada frequência delitiva nos rapazes estar associada a traços de

narcisismo (avaliados pelo APSD), que seriam preditivos de um comportamento antissocial e agressivo. Todavia, os resultados deste estudo não confirmam a maior presença de traços de narcisismo nos jovens do sexo masculino, muito embora a diferença na frequência dos comportamentos delitivos se mantenha na direção esperada.

A concluir, importa enquadrar os resultados encontrados no contexto das limitações deste estudo. Apesar de a dimensão das amostras não ficar muito aquém da de estudos homólogos e, tal como na maioria desses, também não se ter grupos de jovens não-delinquentes com os quais se pudesse comparar os dados, essas não deixam de ser limitações metodológicas que, no conjunto da comunidade científica especializada, deverão superar-se no futuro. Adicionalmente, a pouca investigação da população delincente feminina dificulta uma exploração mais aprofundada dos resultados e das diferenças entre sexos, particularmente no que se refere a características disposicionais e a traços de personalidade antissocial. Como se referiu, o facto de este tipo de estudos se focalizar quase exclusivamente em amostras masculinas, especialmente no que se refere à utilização de instrumentos como o APSD, deixa-nos com poucas referências para análise e interpretação dos resultados obtidos com as jovens.

Um outro problema tem que ver com o viés da desejabilidade social nas medidas de autorrelato (nomeadamente as de delinquência autorrevelada) o que leva a recomendar a consideração de medidas não afetadas por esse viés em estudos futuros. Contudo, importa ressaltar que embora possam existir preocupações por parte dos jovens que os levem a omitir atos e características socialmente inaceitáveis, instrumentos como o APSD revelam uma elevada estabilidade e associação com medidas do comportamento antissocial, provando-se válidos e fidedignos (Muñoz & Frick, 2007).

Em suma, com este estudo procurámos investigar variáveis de personalidade e criminológicas em jovens delinquentes do sexo feminino e masculino, tentando caracterizá-los e diferenciá-los, seguindo a recomendação de diversos autores segundo os quais o conhecimento científico da delinquência juvenil beneficiará de estudos que considerem participantes de ambos os sexos (e.g., Gillaspay, 2004; Holsinger, 1999). Assim, na esteira de trabalhos internacionais (e.g., Bottcher, 2001; Gretton, Hare, & Catchpole, 2004) e de alguns estudos que começam a surgir no plano nacional (e.g., Bouças, 2014; Pechorro et al., 2012a), esta investigação constitui um contributo para melhor entender as dinâmicas psicológicas e comportamentais associadas às condutas delinquentes de raparigas e rapazes, permitindo aprofundar o conhecimento no domínio da delinquência juvenil e das variáveis que lhe podem estar associadas, bem como abrir pistas para o prosseguimento dos estudos diferenciais em função do sexo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao IRS, às instituições que acolheram o estudo e respetivos profissionais, bem como as colaborações de Celina Manita, Cristina Queirós e Catarina Lopes e, ainda, aos jovens que participaram nesta investigação.

REFERÊNCIAS

- Agnew, R. (1992). Foundation for a general strain theory of crime and delinquency. *Criminology*, 30(1), 47-87. doi: 10.1111/j.1745-9125.1992.tb01093.x
- Agra, C., & Castro, J. (2010). *Relatório final do observatório da delinquência juvenil* (Manuscrito não publicado). FDUP, Porto, Portugal.
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Bottcher, J. (2001). Social practices of gender: How gender relates to delinquency in the everyday lives of high-risk youths. *Criminal Justice Periodicals*, 39(4), 893-932. doi: 10.1111/j.1745-9125.2001.tb00944.x
- Bouças, A. (2014). *Diferenças de género e delinquência juvenil: Influência da família e de características da personalidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Braga, T., & Gonçalves, R. (2013). Delinquência juvenil: Da caracterização à intervenção. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4(1), 95-116.
- Campbell, M., Porter, S., & Santor, D. (2004). Psychopathic traits in adolescent offenders: An evaluation of criminal history, clinical, and psychosocial correlates. *Behavioral Sciences and the Law*, 22(1), 23-47. doi: 10.1002/bsl.572
- Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-reported delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology*, 48(1), 1-7. doi: 10.1080/00049539608259498
- Carvalho, M. (2005). Jovens, espaços, trajectórias e delinquências. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 71-93. Consultado em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n49/n49a05.pdf>
- Edens, J., Guy, L., & Fernandez, K. (2003). Psychopathic traits predict attitudes toward a juvenile capital murderer. *Behavioral Sciences and the Law*, 21(6), 807-828. doi: 10.1002/bsl.567
- Eme, R. (2007). Sex differences in child-onset, life-course-persistent conduct disorder: A review of biological influences. *Clinical Psychology Review*, 27(5), 607-627. doi: 10.1016/j.cpr.2007.02.001
- Farrington, D. (2005). The importance of child and adolescent psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(4), 489-497. doi: 10.1007/s10802-005-5729-8
- Frick, P., & Hare, R. (2001). *The antisocial process screening device*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Gillasp, S. (2004). *A test of problem behavior theory with high-risk adolescents and young adults: Effects of peer delinquency, peer attachment and peer involvement* (Tese de doutoramento não publicada). Oklahoma State University, Oklahoma, USA.
- Gretton, H., Hare, R., & Catchpole, R. (2004). Psychopathy and offending from adolescence to adulthood: A 10-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72(4), 636-645. doi: 10.1037/0022-006X.72.4.636

- Hare, R. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Harris, G., Rice, M., & Quinsey, V. (1994). Psychopathy as a taxon: Evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62(2), 387-397. doi: 10.1037/0022-006X.62.2.387
- Holsinger, K. (1999). *Addressing the distinct experience of the adolescent female: Explaining delinquency and examining the juvenile justice system* (Tese de doutoramento não publicada). University of Cincinnati, Cincinnati, USA.
- Lenssen, S., Doreleijers, T., Dijk, M., & Hartman, C. (2000). Girls in detention: What are their characteristics? A project to explore and document the character of this target group and the significant ways in which it differs from one consisting of boys. *Journal of Adolescence*, 23(3), 287-303. doi: 10.1006/jado.2000.0315
- Loney, B., Frick, P., Clements, C., Ellis, M., & Kerlin, K. (2003). Callous-unemotional traits, impulsivity and emotional processing in adolescents with antisocial behavior problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(1), 66-80. doi: 10.1207/S15374424JCCP3201_07
- Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 803-817. doi: 10.1002/bsl.662
- Mazerolle, P. (1998). Gender, general strain, and delinquency: An empirical examination. *Justice Quarterly*, 15(1), 65-91. doi: 10.1080/07418829800093641
- Ministério da Administração Interna (2015). *Relatório anual de segurança interna: 2014*. Consultado em https://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril_2015/relatorioseginterna2014.pdf
- Moffitt, T., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency, and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511490057
- Muñoz, L., & Frick, P. (2007). Development and aging: The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48(4), 299-312. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00560.x
- Murrie, D., & Cornell, D. (2002). Psychopathy screening of incarcerated juveniles: A comparison of measures. *Psychological Assessment*, 14(4), 390-396. doi: 10.1037/1040-3590.14.4.390
- Nicholls, T., & Petrila, J. (2005). Gender and psychopathy: An overview of important issues and introduction to the special issue. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 729-741. doi: 10.1002/bsl.677
- Paternoster, R., & Mazerolle, P. (1994). General strain theory and delinquency: A replication and extension. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 31(3), 235-263. doi: 10.1177/0022427894031003001
- Pechorro, P., Poiares, C., Marôco, J., & Vieira, R. (2012a). Traços psicopáticos e perturbação do comportamento em adolescentes institucionalizados. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(2), 399-409.
- Pechorro, P., Vieira, R., & Vieira, D. (2012b). Adaptação e validação preliminar duma versão portuguesa do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 97-110.
- Penney, S., & Moretti, M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law*, 25(1), 21-41. doi: 10.1002/bsl.715
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (2012). *Delinquência e violência juvenil em Portugal: Traçando um retrato a diferentes vozes*. Lisboa: CESIS.
- Reis, A. (2008). *Estudo diferencial de género das características psicológicas e criminológicas de jovens delinquentes institucionalizados* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.

- Robinson, M. J. (2005). *Psychopathy and compliance correlates for male delinquents in a community program* (Tese de doutoramento não publicada). University of Rhode Island, Rhode Island, USA.
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior*, 26(2), 219-239. doi: 10.1023/A:1014696110850
- Sondheimer, D. (2001). Young female offenders: Increasingly visible yet poorly understood. *Gender Issues*, 19(1), 79-90. doi: 10.1007/s12147-001-0005-x
- Statistical Office of the European Communities (2015). *Europe in figures: Eurostat yearbook*. Consultado em http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Europe_in_figures_-_Eurostat_yearbook
- Strand, S., & Belfrage, H. (2005). Gender differences in psychopathy in a Swedish offender sample. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 837-850. doi: 10.1002/bsl.674
- Tracy, P., Kempf-Leonard, K., & Abramoske-James, S. (2009). Gender differences in delinquency and juvenile justice processing: Evidence from national data. *Crime & Delinquency*, 55(2), 171-215. doi: 10.1177/0011128708330628
- Ugueto, A. (2005). *Psychopathy in delinquent girls: An examination of factor structure* (Tese de doutoramento não publicada). Ohio State University, Ohio, USA.
- Vaughn, M. (2005). *Psychopathic traits in relation to substance use, delinquency and mental health in a state population of incarcerated juvenile offenders* (Tese de doutoramento não publicada). Washington University, Washington, USA.